

Maria Helena Souza Patto  
Sylvia Leser de Mello  
Maria Luisa Sandoval Schmidt  
José Leon Crochík (org.)

# Perspectivas Teóricas

acerca do *Preconceito*

Os ensaios deste livro são provenientes do seminário “Perspectivas sobre o Preconceito”, realizado em setembro de 2005 pelo Laboratório de Estudos sobre o Preconceito do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O objetivo do evento de discutir esse fenômeno tendo como base diversas perspectivas teóricas é também o deste livro. Nele, o preconceito é analisado a partir das teorias de Agnes Heller, Hannah Arendt, Jean-Paul Sartre, Max Horkheimer e Theodor W. Adorno.

Nessas teorias, a reflexão acerca do preconceito se apresenta ora de forma explícita, ora implicitamente, mas sempre associada à análise da sociedade. O materialismo histórico é referência comum, embora a partir de diferentes apropriações, o que faz com que as críticas ao preconceito e à sociedade sejam indissociáveis.

*José Leon Crochík*



Casa do Psicólogo®

Maria Helena Souza Patto  
Sylvia Leser de Mello  
Maria Luisa Sandoval Schmidt  
José Leon Crochík (org.)

Perspectivas Teóricas acerca do Preconceito



**PERSPECTIVAS TEÓRICAS  
ACERCA do PRECONCEITO**

Maria Helena Souza Patto  
Maria Luiza Sandoval Schmidt  
Sylvia Leser de Mello  
José Leon Crochík (org.)



Casa do Psicólogo®

© 2008 Casa do Psicólogo®  
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade,  
sem autorização por escrito dos editores.

**1ª edição**  
2008

**Editores**

*Ingo Bernd Güntert*  
*e Christiane Gradwohl Colas*

**Assistente Editorial**

*Aparecida Ferraz da Silva*

**Capa**

*Ana Karina Rodrigues Caetano*

**Editoração Eletrônica**

*Ana Karina Rodrigues Caetano*

**Revisão**

*Flavia Okumura Bortolon*

**Copidesque**

*Geisa Mathias de Oliveira*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Crochík, José Leon  
Perspectivas teóricas acerca do preconceito/ Maria Helena  
Souza Patto, Maria Luiza Sandoval Schimdt, Sylvia Leser de  
Mello; José Leon Crochík, (org.). — São Paulo : Casa do  
Psicólogo®, 2008.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7396-597-1

I. Psicologia Social I. Patto, Maria Helena Souza, II.  
Schmidt, Maria Luiza Sandoval. III. Mello, Sylvia Leser de.  
IV. Título.

08-02591

CDD-302

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Preconceito: Psicologia Social 302

*Printed in Brazil*

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



**CasaPsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.**

Rua Santo Antonio, 1010 Jardim México 13253-400 Itatiba/SP Brasil  
Tel.: (11) 4524-6997 Site: www.casadopsicologo.com.br

## SUMÁRIO

---

---

|  |    |
|--|----|
| Apresentação .....   | 7  |
| Vida Cotidiana e Preconceito: Notas a partir da<br>antropologia marxista de Agnes Heller .....                         | 9  |
| <i>Maria Helena Souza Patto</i>  |    |
| A Palavra, o Preconceito e o Pensamento: Introdução<br>ao problema do juízo e da consciência em Hannah<br>Arendt ..... | 27 |
| <i>Sylvia Leser de Mello</i>   |    |
| Tudo Menos Homem: Retrato do preconceituoso<br>segundo Jean-Paul Sartre .....  | 47 |
| <i>Maria Luisa Sandoval Schmidt</i>  |    |
| O Conceito de Preconceito e a Perspectiva da Teoria<br>Crítica .....   | 69 |
| <i>José Leon Crochik</i>   |    |

# O CONCEITO DE PRECONCEITO E A PERSPECTIVA DA TEORIA CRÍTICA

*José Leon Crochík<sup>95</sup>*

---

---

Se o preconceito diz respeito a dogmas ou ao estranhamento entre posições que não se confrontam abertamente, algo próprio do relativismo, então, esse tema percorre a obra dos frankfurtianos que, tal como Kant<sup>96</sup>, em “Como se orientar pelo pensamento”, se opunham ante as duas vertentes. Aos dogmáticos, por perderem a história; aos relativistas, por negarem o objeto. Assim, ele tem feito parte do espírito objetivo e se modifica de acordo com as condições sociais. Só por isso, poderíamos dizer que para eles o preconceito não é uma questão somente atinente ao indivíduo que, consciente ou inconscientemente, o desenvolveria. Claro, a sua manifestação é também individual, mas como a lógica do indivíduo não se confunde com a lógica social, ainda que ambas sejam relacionadas, a psicologia não é suficiente para a compreensão do fenômeno. Antes, deve-se localizar na sociedade o que leva o indivíduo a ser ou não preconceituoso. Já o fato de haver essa dupla possibilidade – ser

---

<sup>95</sup> Docente do Instituto de Psicologia da USP; bolsista do CNPq.

<sup>96</sup> Kant, Immanuel. (1992). A paz perpétua e outros opúsculos. Textos Filosóficos. Lisboa, Edições 70, 18.

ou não preconceituoso – indica a contradição social; por meio dela pode-se pensar ambos os resultados.

O preconceito não é definido, na obra dos frankfurtianos, de forma operacional, mesmo porque mais do que defini-lo, esses autores, por meio de suas análises, contribuem para compreender o que o origina e permite que se desenvolva, assim como o que poderia combatê-lo. Por esse motivo e pelo que foi enfatizado no primeiro parágrafo, neste texto temos como objetivo apresentar alguns dos elementos dessas análises sem a pretensão de com isso estarmos substituindo a leitura dos trabalhos que lhe serviram de base e nem a de esgotar o tema.

Entre os frankfurtianos, Horkheimer e Adorno foram aqueles que trataram diretamente o tema. Por sua especificidade, dois de seus trabalhos merecem destaque: “Elementos do Antisemitismo”<sup>97</sup>, que é parte da obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita entre 1944 e 1947; e o estudo acerca da personalidade autoritária<sup>98</sup>, iniciado em 1944 e concluído em 1949; nesse último, Adorno foi um dos coordenadores da pesquisa e Horkheimer um dos que coordenaram os diversos estudos financiados pelo Comitê Judaico de Nova York, entre os quais esse se incluiu. Há também dois pequenos ensaios sobre o tema: “Preconceito”, de Horkheimer e Adorno, publicado em seu texto *Temas Básicos de Sociologia*<sup>99</sup>, e “Sobre os Preconceitos”, de Horkheimer, que faz parte do livro *Sociológica*<sup>100</sup>. O ensaio “Educação após Auschwitz”,<sup>101</sup> de Adorno, também não deixa de se relacionar

<sup>97</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editores, 157-194.

<sup>98</sup> Adorno, T.W., Frenkel-Brunswik, E.; Levinson, D.J e Sanford, R.N. (1965). *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires, Ed. Proyección.

<sup>99</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978) *Preconceito*. In: \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo, Editora Cultrix, 172-183.

<sup>100</sup> Horkheimer, Max. (1971). *Sobre los prejuicios*. In: Horkheimer, Max e Adorno, T.W. *Sociologica*. Tradução de Victor Sánchez de Zavala. Madri, Taurus ediciones, 123-131.

<sup>101</sup> Adorno, T.W. (1995). *Educação após Auschwitz*. In: \_\_\_\_\_. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 119-138.

diretamente com o tema. Claro que outros textos de Horkheimer e Adorno, assim como a discussão a respeito da ‘sociedade unidimensional’, de Marcuse<sup>102</sup>, e a distinção entre experiência e vivência descrita por Benjamin<sup>103</sup> são importantes para se entender esse fenômeno, mas não de forma imediata. Assim, neste texto, algumas das idéias contidas em “Elementos do Antisemitismo” e em alguns capítulos da “Personalidade Autoritária”, assinados por Adorno, serão destacadas, sem prescindir dos outros textos enunciados.

O preconceito, na perspectiva de Horkheimer e Adorno, é fenômeno analisado, sobretudo, nas relações entre indivíduo e sociedade, considerando o primeiro constituído por mediação social, o que implica que se são analisadas as configurações individuais propícias ao desenvolvimento de atitudes hostis em relação aos que são tidos como mais frágeis é porque entendem que a sociedade se reproduz, no que tem de violência, atravessando os indivíduos. Assim, neste texto, serão apresentados elementos próprios àquela relação que se transforma historicamente. De início, será apresentada a conclusão por meio de estudos empíricos a respeito da constituição mais frágil do eu contemporâneo, quando comparado ao indivíduo do século XIX, que predispõe o indivíduo, mesmo que não manifeste preconceitos, a problemas de compreensão e reação aos demais homens, resultando em ações não emancipatórias em relação às contradições sociais existentes. Depois se dará ênfase a modificações sociais em duas instituições fundamentais para a formação do indivíduo – a família e a escola – e sua relação com o surgimento do preconceito propício à nossa época. No terceiro tópico, discutiremos a relação entre a ideologia contemporânea e o

<sup>102</sup> Marcuse, Herbert. (1982). *A Ideologia da Sociedade Industrial*. (6a. ed.). Rio de Janeiro, Jorge Zahar editores.

<sup>103</sup> Benjamin, W. (1989). *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. (1a. ed.). São Paulo, Brasiliense, 103-149.

preconceito. Na seqüência, serão discutidas configurações distintas de indivíduos predispostos ao preconceito e, por fim, serão apresentadas algumas sugestões dos frankfurtianos para o combate ao preconceito.

### Nova forma de autoritarismo

O estudo acerca da personalidade autoritária não deixa de se referir ao indivíduo predisposto ao desenvolvimento de preconceitos. Isso pode ser afirmado quer ao se considerar duas das escalas elaboradas para a pesquisa – a do anti-semitismo e a do etnocentrismo –, quer em relação ao objetivo do estudo (que nem sempre é enunciado da mesma forma), que visa responder à pergunta sobre a possibilidade do fascismo se desenvolver em solo americano. Não é casual também que os resultados desse estudo sejam parte importante do ensaio de Horkheimer e Adorno<sup>104</sup>, intitulado “Preconceito”. Nesse estudo, há diversos indicadores que levam a pensar que também os que não poderiam ser denominados autoritários poderiam desenvolver preconceitos. Um desses indicadores revela-se em alguns dos tipos analisados por Adorno et al.\*\* (1950), representados pelos sujeitos de sua pesquisa que tiveram escores, nas escalas aplicadas, que não mostraram a defesa do fascismo; esses sujeitos apresentaram outros problemas individuais que poderiam levar à formação do preconceito. O sujeito que ilustrou o tipo intitulado ‘baixo rígido’ apresentou hostilidade em relação àqueles que não adotavam o seu ideal de ‘amor à humanidade’; o tipo ‘contestador’ apresentou traços compulsivos; em suma, mesmo entre aqueles que não expressavam, nas escalas, uma posição antidemocrática em relação a minorias, não deixaram de existir os que tinham problemas na constituição de sua personalidade, ou por apresentar

<sup>104</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978). Preconceito. (ob.cit.)

\*\* Adorno, T.W., Frenkel - Bruswik, E.; Levinson, O.J. e Sanford R.N. (196). La personalidad autoritaria (ob. cit.).

um ego frágil, ou um superego rígido. Outro desses indicadores aparece na análise da ideologia política dos sujeitos dessa pesquisa, que Adorno efetuou; nessa análise, a fragilidade da compreensão das dimensões sociais, políticas e econômicas se revelou, sugerindo que, independentemente da escolha política dos indivíduos, a sua compreensão insatisfatória dos determinantes sociais pode revelar um ego fragilmente desenvolvido. Algo semelhante pode ser obtido do ensaio de Horkheimer e Adorno, “Elementos do Anti-semitismo”, no qual os autores defendem que se o *ticket* (modo de pensar estereotipado, indiferenciado) progressista é mais propício à humanidade do que o *ticket* fascista, o problema é o *ticket*:

A liberdade oferecida pelo ticket progressista é tão extrínseca às estruturas do poder que resultam necessariamente das decisões progressistas, quanto o é a hostilidade aos judeus ao traste químico. É verdade que os indivíduos mais humanos são atraídos pelo ticket progressista, contudo a perda progressiva de experiência acaba por transformar os adeptos do ticket progressista em inimigos da diferença. Não é só o ticket anti-semita que é anti-semita, mas a mentalidade do ticket em geral.<sup>105</sup>

Nessa citação, esclarece-se também que se o objeto de análise desse ensaio foi o anti-semitismo, ele não se reduz quer ao preconceito contra o judeu, quer à dimensão psicológica. A mentalidade do *ticket* pode substituir um alvo facilmente por outro, e esse novo alvo revela a mesma estrutura social que impede o surgimento de uma sociedade na qual a diferença deixe de ser perseguida. Não é só uma questão psicológica, posto que as próprias instâncias psíquicas descritas por Freud – o ego e o superego – são pouco desenvolvidas no indivíduo predisposto ao

<sup>105</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). Dialética do esclarecimento (ob.cit.), 193.

preconceito e, por isso, são predominantemente reativas e não pró-ativas. Conforme Adorno dirá em outro texto, há a 'desindividualização'; os indivíduos são heterodirigidos, mesmo quando julgam que seguem os seus interesses mais racionais: "O 'empobrecimento psicológico do sujeito que se entregou ao objeto', o qual 'substituiu seu componente mais importante', isto é o supereu, antecipa quase com clarividência os desindividualizados átomos sociais pós-psicológicos que formam as coletividades fascistas."<sup>106</sup>

Para os frankfurtianos, o preconceito surge de determinadas condições objetivas que determinam o indivíduo e, assim, a compreensão da constituição desse último é fundamental para se entender o fenômeno. As condições objetivas se alteram historicamente e, em consequência, as suas determinações sobre o indivíduo e sobre o preconceito, também. Apesar disso, em seus estudos empíricos, enfatizam aquilo que aparentemente foi eliminado pela civilização, mas que aparece indicando a sua permanência sob novas formas do antigo. O que a civilização se esforça para superar – a barbárie – reaparece, ao menos, em duas formas: na explosão do que foi contido e não teve a possibilidade de se expressar de outra maneira, e na violência mais requintada. Ambas são socialmente mediadas e se relacionam com a formação do indivíduo.

Se a formação do indivíduo é importante para a compreensão do preconceito, apresentaremos a seguir, ainda que brevemente, alguns dos elementos que historicamente tem caracterizado o indivíduo burguês e que auxiliam o entendimento do preconceito. Na análise da *Odisséia* de Homero, Horkheimer e Adorno<sup>107</sup> já evidenciam que socialização radical implica solidão radical. Da relação entre sociedade, natureza e indivíduo,

<sup>106</sup> Adorno, T.W. (2006). A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. Margem Esquerda, Ensaios Marxistas, 7, p.188.

<sup>107</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). Dialética do esclarecimento.(ob.cit.).

que é histórica, o controle da natureza para a sobrevivência de Ulisses – personagem da *Odisséia* - já é o sacrifício do que é natural. Vários séculos depois, a formação burguesa, no período do Iluminismo, voltava-se para a domesticação dos impulsos e a preservação da natureza frente o avanço da civilização. O indivíduo, base do ideário liberal, deveria ter controle de si mesmo, sublimar seus impulsos e lutar pelos seus interesses. Quanto mais racional fosse o indivíduo, mais racional acreditava-se que fosse a sociedade. A consciência constituída pelos interesses individuais e sociais, representados, de certa forma, respectivamente, nas obras de Kant e de Hegel (ver Horkheimer e Adorno<sup>108</sup>; e Adorno<sup>109</sup>), expressava-se por se fazer substância de si mesmo e se reconhecer em outra autoconsciência. Ambos os momentos são essenciais, quando juntos, para se evitar uma existência sem o reconhecimento do outro e uma cega adesão aos coletivos sociais. Assim, o indivíduo com consciência deveria discriminar os seus interesses dos demais, ao mesmo tempo em que deveria reconhecer a sua existência devida aos demais. É verdade que só a alguns, no liberalismo, era possível, por meio da incorporação da cultura, tentar formar tal consciência, ou ao menos desenvolver um 'eu' com alguma autonomia e uma consciência moral. Mas essas instâncias possibilitariam ao indivíduo superar a sua minoridade, na expressão de Kant<sup>110</sup>, e fundar na razão a base de seus atos. O preconceito, já em Kant, consistia em agir de acordo com a tutela dos outros.

O capitalismo, com o desenvolvimento de suas leis, quando, como sistema, passa a adquirir mais independência dos homens, pode prescindir cada vez mais das decisões individuais,

<sup>108</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978). Indivíduo. In: \_\_\_\_\_. e \_\_\_\_\_. Temas básicos de sociologia. São Paulo, Editora Cultrix, 45-60.

<sup>109</sup> Adorno, T.W.. (1995). Sobre sujeito e objeto. In: \_\_\_\_\_. Palavras e Sinais. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 181-201.

<sup>110</sup> Kant. Immanuel. (1992). A paz perpétua e outros opúsculos.(ob.cit.).

e a consciência tende a se reduzir a relações coisificadas, isentas de afeto; esse é deslocado pelo fetiche, quer das mercadorias quer da técnica. Neste sentido, a menoridade criticada por Kant<sup>111</sup> se torna a norma que permite a sobrevivência, ainda que nem sempre. A sobrevivência - a autoconservação - traz, em sua base, a evitação da destruição, e mesmo essa destruição é mediada socialmente, posto que devido às condições objetivas - riqueza, tecnologia, conhecimentos obtidos -, a vida de todos já poderia ser garantida. Se não o é, o indivíduo regride, tentando se conservar em formas primitivas de compreensão da sociedade, que ensejam a destruição; o preconceito é uma dessas formas. Como o preconceito é o contrário da experiência e como essa cada vez menos é possível (cf. Benjamin<sup>112</sup> e Adorno<sup>113</sup>), ele tende a se tornar a norma; grosso modo, em sua manifestação individual, é a não diferenciação do indivíduo da sociedade, representada por instituições ou grupos que exigem a adesão cega. Apesar disso, o contato com o objeto do preconceito não significa, por si mesmo, experiência e, de outro lado, pode-se ser preconceituoso, mesmo sem nunca ter tido contato com esse objeto. Conforme argumentam Horkheimer e Adorno<sup>114</sup>, há anti-semitas mesmo entre os que nunca conheceram um judeu.

No prefácio de “A Personalidade Autoritária”, Horkheimer diz que o autoritarismo contemporâneo é distinto do existente anteriormente:

El tema central de la obra es un concepto relativamente nuevo: la aparición de una especie ‘antropológica’ que

<sup>111</sup> Idem

<sup>112</sup> Benjamin, Walter. (1994). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. (7a. ed.). São Paulo, Brasiliense, 197-221.

<sup>113</sup> Adorno, T.W. (1983). Posição do narrador no romance contemporâneo. In: *Textos escolhidos*. Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Tradução de José Lino Grunnewald (et al). (2a. ed.). São Paulo, Abril Cultural, 269-273.

<sup>114</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). *Dialética do esclarecimento*. (ob.cit.).

denominamos el tipo humano autoritario. A diferencia *del* fanático de otrora, parece combinar las ideas y la experiencia típicas de una sociedad sobremanera industrializada con ciertas creencias irracionales o antirracionales. Es, a un mismo tiempo, un ser ilustrado y supersticioso, orgulloso de su individualismo y constantemente temeroso de ser diferente a los demás, celoso de su independencia y proclive a someterse ciegamente al poder y a la autoridad.<sup>115</sup>

O autoritário presente no fascismo já não é aquele que esbraveja, que expressa muita raiva, que se apresenta como o ‘dono da verdade’; é melhor retratado como o ‘pseudoculto’, aquele que tenta ter a aparência de que sabe tudo mas, como tem consciência de que o seu conhecimento é superficial, irrita-se quando se depara quer com alguém que efetivamente conhece, ao qual dirige sua ambigüidade - simultaneamente admira e inveja - quer com alguém que revela não ser culto - o qual reflete a si mesmo. Sua agressividade é dissimulada; comporta-se, com exceções, segundo as regras existentes e é um forte defensor da ordem vigente, contrapondo-se àqueles que, de uma forma ou de outra, a negam, ainda que, de maneira não consciente, seu desejo seja o de destruir essa ordem.

No sétimo elemento dos “Elementos do anti-semitismo”, Horkheimer e Adorno também apresentam o anti-semita da época como distinto do existente ao final do século XIX:

Mas não há mais anti-semitas. Os últimos foram os liberais que queriam exprimir sua opinião antiliberal. A distância que a nobreza e os militares guardavam dos judeus era, no ocaso do século dezenove, uma simples atitude reacionária. Personagens modernos eram os Ahlwardt e os Knuppelkunze, que já tinham adeptos com o estofo do material humano do

<sup>115</sup> Adorno, T.W., Frenkel-Brunswick, E.; Levinson, D.J e Sanford, R.N. (1965). *La personalidad autoritaria* (ob.cit.), 19.



Fuhrer e encontravam apoio entre os espíritos maléficos e as mentes confusas de todo o país. Quando a mentalidade anti-semita se exprimia, ela se sentia ao mesmo tempo burguesa e rebelde. A vociferação racista ainda constituía uma forma distorcida da liberdade civil<sup>116</sup>. (p. 186-187)

Dizem eles que não há mais anti-semitas, mas a ideologia do *ticket*, já mencionada anteriormente, o pensamento em bloco: aquele que é anti-semita, também é contrário ao comunismo, ao intelectual etc.:

A psicologia anti-semita foi, em grande parte, substituída por um simples 'sim' dado ao ticket fascista, ao inventário de slogans da grande indústria militante...O anti-semitismo praticamente deixou de ser um impulso independente, ele não é mais do que uma simples prancha da plataforma eleitoral: quem dá uma chance qualquer ao fascismo subscreve automaticamente, juntamente com a destruição dos sindicatos e a cruzada antibolchevista, a eliminação dos judeus...A experiência é substituída pelo clichê e a imaginação ativa na experiência pela recepção *ávida*.<sup>117</sup> (p. 187)

O preconceito não é um fenômeno, sobretudo, cognitivo; antes, ele é contrário ao ato de conhecer: obsta o conhecimento, a nova forma de pensar se associa com uma distinta configuração psíquica. Assim, se o indivíduo estudado por Freud foi descrito, por Horkheimer e Adorno (1985), como uma '*pequena empresa psicológica*', constituída pelos conflitos entre consciente e inconsciente, entre id, ego e superego, o indivíduo propício à sociedade do século XX, tem um ego frágil e um superego extrojetado, isto é, é heterodeterminado:

<sup>116</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). *Dialética do esclarecimento*. (ob.cit. ), pp.186-187.

<sup>117</sup> Idem, 187.

(...) na era das grandes corporações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura.<sup>118</sup>

Importante acrescentar que, nesse trabalho, Horkheimer e Adorno expõem antes dessa citação, seis elementos do anti-semitismo que dão destaque a questões ideológicas, econômicas, religiosas, antropológicas e psicológicas e, no sétimo, afirmam o que foi explicitado nas duas últimas citações. Deve-se lembrar, também, que esse ensaio foi escrito em 1944 e o último elemento em 1947, isto é, três anos após os seis primeiros. No sétimo elemento, contudo, os seis anteriores não foram negados, mas aparecem como base da má consciência dos modernos anti-semitas:

Os 'elementos do anti-semitismo', baseados na experiência e anulados pela perda da experiência que se anuncia na mentalidade do ticket, são novamente mobilizados pelo ticket. Já tendo entrado em decomposição, eles trazem para

<sup>118</sup> Idem, 189-190.

o neo-anti-semita a má consciência e, com ela, a insaciabilidade do mal. É justamente porque a psicologia dos indivíduos e seus conteúdos só se produzem através dos esquemas sintéticos fornecidos pela sociedade que o anti-semitismo contemporâneo adquire uma natureza vazia e impenetrável. O intermediário judeu só se torna realmente a imagem do diabo depois que ele deixou de existir economicamente.<sup>119</sup>

Pelo final dessa citação, poder-se-ia pensar que, para os autores, o anti-semitismo fosse antes de tudo um problema econômico, mas, nesse mesmo ensaio, eles afirmam:

Se um mal tão profundamente arraigado na civilização não encontra sua justificação no conhecimento, o indivíduo também não conseguirá aplacá-lo, ainda que seja tão bem-intencionado quanto a própria vítima. Por mais corretas que sejam, as explicações e os contra-argumentos racionais, de natureza econômica e política, não conseguem fazê-lo, porque a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento.<sup>120</sup>

Isso não retira a importância das determinações econômicas e políticas, mas as põem como expressões da dominação social. Assim, o que gera o fenômeno do anti-semitismo ilustra algo da essência dessa sociedade, não é circunstancial, mas está em sua história e a acompanha imanentemente: “Eles (os judeus liberais) achavam que era o anti-semitismo que vinha desfigurar a ordem, quando, na verdade, é a ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens.”<sup>121</sup>

<sup>119</sup> Idem, 192.

<sup>120</sup> Idem, 159.

<sup>121</sup> Idem, 158.

Se a desfiguração da ordem é imanente a ela, os grupos a serem perseguidos variam historicamente:

A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção. E como as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos, cada uma delas pode tomar o lugar do assassino, na mesma volúpia cega do homicídio, tão logo se converta na norma e se sinta poderosa enquanto tal. Não existe um genuíno anti-semita e, certamente, não há nenhum anti-semita nato.<sup>122</sup>

Isto não significa que o preconceito seja independente da história da representação de seu objeto. Ainda que o preconceito seja dependente das necessidades individuais, mediadas socialmente, e tenha o seu objeto configurado pela deturpação ou exagero do que é percebido, a conversão de uma situação histórica vivida pelo seu alvo torna-se inerente a esse objeto. No que tange ao anti-semitismo, Horkheimer e Adorno<sup>123</sup> dizem que os judeus tiveram, por muito tempo, suas possibilidades de trabalho restritas à esfera da circulação de mercadorias; esse dado histórico é transformado pelo preconceituoso na afirmação de que é inerente ao judeu o gosto pelo dinheiro. Assim, o ódio ao judeu necessita do que especificamente ele representa, ainda que não seja algo próprio a ele.



## A família, a escola e o preconceito

Como dito antes, as mudanças sociais ocasionaram alterações na estrutura do indivíduo. Se, no liberalismo, ainda era necessário que uma parcela da população desenvolvesse o ego e o superego, posto que ainda havia espaços sociais não conquistados e

<sup>122</sup> Idem, 160.

<sup>123</sup> Idem.

que a ordem racional deveria ser protegida da irracionalidade individual, no capitalismo dos oligopólios e em sua representação totalitária de poder político, os comportamentos necessários para a reprodução social e a autoconservação individual já se encontram dispostos em manuais e são constantemente difundidos pela indústria cultural; a consciência quase já não tem possibilidade de se ocupar com o imprevisível. As ciências que desenvolveram a engenharia do comportamento colaboraram com a adaptação científica à sociedade estabelecida. Se, no liberalismo, a irracionalidade poderia atrapalhar a organização racional, no capitalismo dos oligopólios, ela é utilizada para que os indivíduos se julguem satisfeitos. Os impulsos individuais são direcionados pelas instituições que propagandeam princípios e valores similares. A cultura que possibilitava alguma liberdade ao espírito e assim a possibilidade de alguma individuação, sobretudo àquela parcela da população que contava com garantias de existência, reduziu-se à civilização. Os produtos espirituais tornaram-se mercadorias, exercendo, certamente, uma função distinta dos produtos materiais, como Horkheimer e Adorno<sup>124</sup>, desenvolveram em seu texto “Indústria Cultural.”

Se a sociedade se alterou em sua base econômica, por meio da concentração do capital, as diversas instâncias sociais também se modificaram. Dentre elas, destacam-se duas: a família e a escola.

A família burguesa, que apresentava objetivos conflitantes: preparar o indivíduo para a adaptação social e permitir um lugar para o afeto espontâneo, tornou-se mais diretamente determinada pela sociedade, perdeu parte de sua autonomia relativa. A ida da mulher para o trabalho, a conseqüente alteração da divisão do trabalho familiar, a determinação mais direta e precoce sobre a formação da criança por outras instituições, ilustram essa modificação. A crise da família, que não é separada da crise social,

<sup>124</sup> Idem.

tem, no enfraquecimento da autoridade familiar, um de seus elementos básicos. Com o enfraquecimento da propriedade média, devido à concentração do capital, a autoridade do pai ficou abalada, torna-se um fraco modelo para a identificação. Essa identificação é importante, posto que também por meio dela se constituem o ego e o superego. Claro, só a identificação não garante a autonomia individual; é necessário também que os valores e princípios introjetados sejam negados ou afirmados pelo próprio indivíduo, mas, sem ela, a heteronomia é inevitável. Se o pai já não pode mais garantir o futuro financeiro de seus filhos, também enfraquece o que pode transmitir espiritualmente. Não só a destruição da propriedade média foi a responsável por isso. A autoridade racional do pai, que deveria indicar caminhos para os filhos, foi gradualmente substituída por outra mais abstrata, representada por diversas instâncias sociais. A formalização da razão permitiu a sua relativa independência dos homens e dos conteúdos aos quais se refere; e, assim, uma sociedade ordenada segundo os princípios racionais pode dispensar a própria razão. As regras consideradas racionais substituem a razão, restando aos indivíduos segui-las. Se o que o indivíduo deve fazer já é dado por outras instâncias sociais, a autoridade familiar encontra-se em desvantagem.

A mãe representava, na família burguesa, a possibilidade de dedicação espontânea aos seus filhos. O seu amor era imediato, configurando, segundo Horkheimer e Adorno<sup>125</sup>, o protótipo da humanidade, que pode desenvolver a espontaneidade. A ideologia dirigida a ela ressaltava a sua dignidade, que era também verdadeira. A família, conforme escrevem esses autores, era uma instituição anacrônica no capitalismo, pois tinha a sua base na ‘relação pelo sangue’, o que contraria o princípio de troca do capital, para o qual todos devem ser substituídos. Essa família

<sup>125</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978). Família. In: \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_. Temas básicos de sociologia. São Paulo, Editora Cultrix, 132-150.

contribuía com a autonomia de seus filhos, posto que lhes permitia uma delimitação individual:

Quando a pressão não era demasiado severa e, sobretudo, quando se fazia acompanhar pela doçura materna, desenvolviam-se homens capazes de, quando necessário, procurar os defeitos – mesmo neles próprios; homens que haviam formado, segundo o modelo paterno, um espírito de independência, de amor à livre escolha e à disciplina interior; homens que sabiam manifestar e praticar tanto a autoridade como a liberdade. Se a família cumpria as suas missões, os filhos adquiriam consciência, capacidade de amar e coerência em sua conduta interna e externa.<sup>126</sup>

A crise da família, por sua vez, leva os indivíduos a buscarem outras autoridades mais fortes do que a representada pelo pai:

Mas, hoje, a instituição familiar é tão pouco temida quanto amada; não é combatida, mas é esquecida ou tolerada por parte dos que já não têm motivos nem energia para opor-lhe resistência. Este desenvolvimento leva, finalmente, a que os indivíduos sejam, na realidade, o que tinha sido concebido numa rigorosa teoria liberal: átomos sociais... Da sua relação com o pai, o filho apenas obtém a idéia abstrata de um poder e de uma força arbitrários e incondicionados; e procura então um pai mais forte, mais poderoso que o verdadeiro, que já não satisfaz a antiga imagem, enfim, um super-homem e superpai como os que foram produzidos pelas ideologias totalitárias.<sup>127</sup> (p. 144-145)

A autoridade pessoal foi enfraquecida em contrapartida à autoridade social, que se fortaleceu e determina, mais diretamente do que antes, os caminhos e os descaminhos dos átomos

<sup>126</sup> Idem, 143-144.

<sup>127</sup> Idem, 144-145.

sociais. A necessidade da autoridade permanece, quer no que se refere às indicações necessárias para a adaptação social, quer no que diz respeito à proteção do que gera o medo que se encontra mais difuso do que outrora. Antes, o pai era objeto de amor e de ódio, o que permitia a constituição da consciência moral; hoje, a família é objeto de desprezo, um entulho a ser deixado de lado assim que possível. O 'superpai' pode ser encontrado naqueles indivíduos que têm desejos similares aos liderados, mas demonstram mais força para conseguir a sua realização<sup>128</sup>. Ao contrário do pai de outrora não atua para a crescente diferenciação de seus filhos, mas para a expansão e fortalecimento dos desejos mais primitivos desses últimos.

Na distinção entre ego ideal e ideal de ego, distinção essa, segundo Laplanche e Pontalis<sup>129</sup>, não efetuada por Freud, tem-se elementos para se pensar a regressão atual do indivíduo. O ego ideal reporta aos desejos primitivos relacionados à onipotência individual; já o ideal de ego, que constitui parte do superego, contém os ideais, princípios e valores introjetados, a partir da identificação com os pais. No ego ideal, o eu é a referência, pouco se diferencia do mundo externo; no ideal de ego, o outro é a referência para a (re)constituição do eu. No complexo de Édipo, próprio da família burguesa clássica, o ideal de ego era a base para a identificação; na família atual, ao que parece o ego ideal não cede lugar ao seu sucedâneo, e:

Os jovens manifestam a tendência a submeter-se a qualquer autoridade, seja qual for o seu conteúdo, desde que ela ofereça proteção, satisfação narcisista, vantagens materiais e a possibilidade de descarregar sobre outros o sadismo, em que a desorientação inconsciente e o desespero encontram uma cobertura.<sup>130</sup>

<sup>128</sup> Cf. Freud, Sigmund. (1993). *Psicologia de las masas y analisis del yo*. In: \_\_\_\_\_, Obras Completas. Tradução de José L Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 63-136.

<sup>129</sup> Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1988). *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. (10a. ed.). São Paulo, Livraria Martins Fontes.

<sup>130</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978). *Família*. (ob.cit.), 145.

Ou como Adorno desenvolve em outro texto:

Uma vez que a identificação da criança com seu pai como uma resposta para o complexo de Édipo é apenas um fenómeno secundário, a regressão infantil pode ir além dessa imagem paterna e, por um processo 'anaclítico', alcançar uma mais arcaica. Além disso, o aspecto primitivamente narcisista da identificação como um ato de 'devorar', de tornar o objeto amado parte de si mesmo, pode nos fornecer uma pista para o fato de que a imagem do líder moderno às vezes parece ser mais a ampliação da própria personalidade do sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo, do que a imagem de um pai cujo papel durante as fases tardias da infância do sujeito pode bem ter diminuído na sociedade atual.<sup>131</sup>

Em ambas as citações, a projeção parece tomar um lugar de destaque na identificação; ou melhor, predomina a identificação projetiva. O eu não se delimita, se expande. A necessidade de proteção e o desespero são marcas importantes desse movimento, que também permite deslocar os impulsos agressivos para outros alvos indicados pelo líder.

A crise da família, assim, colabora com a regressão individual. O indivíduo formado por meio de identificações mais frágeis e com um movimento 'centrípeto' não consegue conter a agressividade derivada do ódio de suas satisfações primitivas, narcisistas, que não podem ser satisfeitas. O alvo do preconceito, dessa forma, não tem a sua justificativa na história de vida individual, que poderia especificá-lo em função dos desejos que sua representação suscita no preconceituoso. Ao invés disso, esse alvo é arbitrário, o indivíduo predisposto ao preconceito, nesse caso, não o ama, nem o odeia, serve apenas de objeto para a descarga de seu ódio indefinido.

<sup>131</sup> Adorno, T.W. (2006). A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista.(ob.cit.), 174.

A outra instituição responsável pela formação do eu burguês – a escola - também se transforma, com o aperfeiçoamento da sociedade da administração. O tipo de formação voltada à burguesia e possibilitada pela escola quase não se destina mais a desenvolver reações civilizadas nos indivíduos, a possibilitar uma continuidade no indivíduo, que o permitia ter relativa independência da sociedade para poder refleti-la. Ao invés disso, prepara-o, diretamente, para a adaptação social. Adorno<sup>132</sup> não deixa de notar que em agrupamentos mais tradicionais, nos quais a religião é uma base importante, a autoridade se mantém, mas, com ela, a adesão à autoridade impede a autonomia, tendo em vista a obrigação à submissão aos desígnios da tradição religiosa e que, por isso, a educação moderna calcada na adaptação seria mais progressista. Mas essa última também não tem sido propícia à emancipação. A imaginação, que permite se olhar para além do visível e ver os objetos em transformação, é substituída pela recepção ávida de conhecimentos que não guardam lugar permanente na consciência dos indivíduos, posto que são rapidamente substituídos por outros.

Na educação contemporânea, a opinião substitui a busca da verdade que, como defendem os frankfurtianos, tem um núcleo temporal, isto é, histórico. A opinião como uma consciência incompleta não permite o conhecimento dos objetos, põe o que o sujeito pensa no lugar do objeto. Se uma opinião vale tanto quanto outra qualquer, é a verdade do sujeito que prevalece e não a do objeto, possibilitada pela relação entre o sujeito e o objeto.

Quanto à autoridade escolar, enfraqueceu da mesma forma que a familiar e, segundo Adorno<sup>133</sup>, no seu lugar, não apareceu nada melhor. Não se trata de defender a formação clássica para os

<sup>132</sup> Adorno, T.W. Tabus acerca do magistério. In: \_\_\_\_\_. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 97-117.

<sup>133</sup> Adorno, Theodor W. (1971) Teoria de la pseudocultura. In: Horkheimer, Max e \_\_\_\_\_. Sociologica. Tradução de Victor Sánchez de Zavala. Madri, Taurus ediciones. 233-267.

dias de hoje, mesmo porque as condições objetivas já são outras e não sustentam a autoridade do passado. No que se refere à aquisição do saber, em outro texto, no qual examina a formação de professores para o ensino médio, Adorno<sup>134</sup> acentua que o amor pelo saber, que a filosofia significa, cede lugar a uma relação externa com o conhecimento, que deixa de ser percebido em sua possibilidade de se pensar o existente para além de si mesmo.

Em meados da década de 1960, Adorno<sup>135</sup> defende que nenhum princípio deveria ser mais importante para a educação do que o de se prevenir contra Auschwitz, e que se esse princípio não estava sendo o suficientemente defendido pelos educadores, novas tragédias similares poderiam ocorrer. Não se trata, como desenvolve o autor, de se esperar o pior do futuro, pois esse já aconteceu. Se o fascismo é devido a condições objetivas e se essas estão distantes dos sujeitos, para que possam alterá-las, caberia se fortalecer o sujeito, para que esse possa resistir à violência própria e alheia.

Esses sujeitos, contudo, negam a sua felicidade e a sua fragilidade, numa sociedade que fomenta a frieza nas relações pessoais e a força necessária para a sobrevivência. Essa força encobre a sua fragilidade, que é projetada sobre os que são julgados mais frágeis, e o verdadeiro fortalecimento do sujeito poderia ser obtido pela compreensão do que o impede de ser feliz ou, em outras palavras, o ódio ao mais frágil e aparentemente mais feliz indica que a felicidade, que já poderia ser real, deve ser constantemente negada nos próprios sujeitos. A cultura que se representa pela força e impele à competição e humilhação dos menos aptos força os indivíduos a renunciarem a qualquer felicidade que não possa ocorrer numa relação de poder. A satisfação dada pela falsa felicidade ocasionada pela eficiência da dominação da natureza e dos homens só pode ser

<sup>134</sup> Adorno, T.W. A filosofia e os professores. In: \_\_\_\_\_. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 51-74.

<sup>135</sup> Adorno, T.W. (1995). Educação após Auschwitz.(Ob.cit.).

entendida pela frieza das relações humanas que deslocam o prazer para o trabalho bem feito.

O tipo manipulador, descrito no trabalho sobre a personalidade autoritária, evidencia a reificação e o fetichismo da técnica. A relação entre coisas, própria do capitalismo, no qual os homens se convertem em mercadorias, abandonando as suas qualidades humanas, ou só as utilizando para simular o que poderia ser e que, no entanto, se resiste a ser; o fetichismo que, como fenômeno objetivo, inverte as relações entre os homens e as mercadorias, guardam o encanto do que é humano dirigindo-o para a técnica e para o trabalho bem executado.

Ora, esse tipo de personalidade autoritária – o manipulador – é importante para a produção de bens materiais e para a administração e, certamente, a produção material e sua administração são importantes para a emancipação social. Se esse avanço, contudo, ocorre com a perda da humanidade, torna-se irracional. A satisfação de realizar um trabalho bem feito pode estar associada com a onipotência infantil, com a ilusão de que podemos manipular a realidade segundo os nossos desejos e, assim, prescindir dos outros. Os homens reduzidos a coisas permitem ser tratados com a indiferença que caracteriza a frieza reinante e assistir a catástrofe, sem pensar que ela também nos diz respeito. Tal redução é propícia a um tipo de preconceito que é isento, pelo menos manifestamente, de emoções; a classificação dos homens, tal como são classificadas as coisas, só é útil para a administração e domínio sobre eles, aprisionando-os nos limites que lhes são atribuídos. O interesse amoroso não consegue mais se fixar em pessoas, a não ser transpassando-as, sem as diferenciar: o olhar do sujeito que petrifica a vítima pelo comando. O fetichismo da técnica, por sua vez, indica para onde a libido foi deslocada. A solidão dos homens é preenchida pelo amor às coisas e à técnica, esse amor nega o tempo e o espaço, necessários para a constituição do indivíduo.

Se o novo tipo de formação preza a adaptação e uma forma superficial de incorporar a cultura, a formação tradicional, calçada na autoridade, mantém uma relação mágica com essa, o que por si só, é contrário ao esclarecimento. Assim, a superação da tradição é importante, mas não menos do que a crítica aos sujeitos sem subjetividade, representados pelos indivíduos que não internalizam mais modelos, são apenas instrumentalizados: “*A substituição dos fins pelos meios substitui as propriedades nos próprios homens. Interiorização seria a palavra errada para designar isso, porque aquele mecanismo não deixa que se forme uma subjetividade firme: a instrumentalização usurpa seu lugar.*” (Adorno, 1995e, 218). Somente para ilustrar essa última vertente, cabe a definição que Horkheimer e Adorno (1986) dão do comportamento do anti-semita: “*O comportamento do anti-semita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se vêem soltos enquanto sujeitos.*” (p.160)

## Relação entre ideologia e preconceito

A ideologia, segundo Horkheimer e Adorno<sup>136</sup>, tem o seu conceito e seu objeto alterados historicamente. Se, em Bacon aparece como ídolo das massas, em Destutt de Tracy, deve ser uma ciência que estuda as idéias, renunciando o positivismo. Nos enciclopedistas, a ideologia, que não é denominada dessa maneira, aparece como forma de dominação; no período liberal é falsa consciência; nesse último sentido, as relações de poder numa sociedade de classes são ocultas para justificar a dominação. Mas, a sociedade administrada já não é complexa, e a ideologia deve agir para que os indivíduos se resignem às condições visíveis. Importa menos, segundo os autores, fazer a crítica à ideologia como negação determinada, isto é, confronto entre

<sup>136</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978). Ideologia. In: \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_. Temas básicos de sociologia. São Paulo, Editora Cultrix, 184-203.

as idéias e a realidade, e mais saber a que disposições psicológicas a ideologia pretende atingir ou desenvolver:

A crítica da ideologia totalitária não se reduz a refutar teses que não pretendem, absolutamente, ou que só pretendem como ficções do pensamento, possuir uma autonomia e uma consciência internas. Será preferível analisar a que configurações psicológicas querem se referir, para servirem-se delas, que disposições desejam incutir nos homens com suas especulações, que são uma coisa inteiramente distinta do que se apresenta nas declamações oficiais.<sup>137</sup>

A ideologia moderna não contém mais uma racionalidade a partir da qual possa ser criticada. Os discursos se apresentam como mentira manifesta, e a questão passa a ser o porquê dos indivíduos racionais aderirem a essas ideologias, que são contrárias aos seus interesses. Isso pode ser compreendido pela alteração dos sentidos e da cognição dos indivíduos, ou seja, pela não percepção e compreensão da realidade em seus próprios termos.

O termo projeção é utilizado pelos frankfurtianos, nos sentidos kantiano e freudiano, para delimitar a relação sujeito e objeto propícia à percepção. O sujeito projeta sobre os estímulos sensoriais que recebem, configurando os objetos; na incorporação desses, corrigem a projeção (controle da projeção) pela experiência com o objeto, possibilitando a diferenciação crescente entre o eu e o meio. Quando, nessa relação, há predomínio quer do sujeito ou do objeto, passa a existir a falsa projeção, que ocorre em duas formas. No predomínio do sujeito, só há projeção, o objeto não é percebido em sua particularidade, com isso o sujeito não se diferencia, ele se empobrece; esse é o movimento propício à paranóia. No predomínio do objeto, o indivíduo restringe-se a repetir os estímulos, sem atribuir a eles nenhum

<sup>137</sup> Idem, 192.

sentido, o que significa o próprio esvaziamento do indivíduo. Em ambos os tipos de falsa projeção, não há efetivamente nem percepção, nem conhecimento.

Em outro texto, Adorno<sup>138</sup> diz que o primado do objeto deve realizar uma outra revolução copernicana, à moda de Kant, dessa feita dirigida ao objeto. Não se trata de reestabelecer uma *'intention recta'* em relação ao objeto, mas pensar objetivamente o sujeito. Se é assim, a compreensão de si mesmo não pode ser separada da compreensão social. Ora, se os indivíduos não mais introjetam os objetos, não se constituem e só podem ser pensados externamente, isso dá certa veracidade ao behaviorismo, que examina as reações dos indivíduos sem atribuir nenhum sentido a elas. Essa exteriorização do indivíduo que não conta com nenhuma interiorização não é a objetivação do sujeito pretendida pelo Iluminismo, mas ação reflexa, sem reflexão.

Essa ação reflexa propícia à autoconservação atual não apresenta mais o juízo que preservava o sujeito de sua associação direta com o predicado:

No mundo da produção em série, a estereotipia – que é seu esquema – substitui o trabalho categorial. O juízo não se apóia mais numa síntese efetivamente realizada, mas numa cega subsunção... Antes, o juízo passava pela etapa da ponderação, que proporcionava certa proteção ao sujeito do juízo contra uma identificação brutal com o predicado. Na sociedade industrial avançada, ocorre uma regressão a um modo de efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo, do poder de discriminação.<sup>139</sup>

<sup>138</sup> Adorno, T.W. (1995). Sobre sujeito e objeto. In: \_\_\_\_\_. Palavras e Sinais. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 181-201.

<sup>139</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). Dialética do esclarecimento. (ob.cit. ), 188.

A ideologia atual transmitida, sobretudo, pela indústria cultural, julga pelo indivíduo; fornece a ele os objetos que deve amar e odiar. Na verdade, não amar e odiar, mas prezar ou desprezar; a frieza oculta os sentimentos, que já não podem ser elaborados como antes, por uma subjetividade que não se constituiu; ausência essa possibilitada pela pseudoformação discutida anteriormente. Isso implica que as emoções, os desejos, não encontram formas apropriadas para se expressar. Além disso, como na sociedade das trocas administradas, todos são transformados em objetos intercambiáveis, esses não permitem a fixação da libido; as pulsões encontram-se livres para se deslocar continuamente entre os objetos designados a cada momento.

Cabe, assim, à ideologia chamar atenção para os alvos a serem fixados. Claro, eles têm de assumir características específicas. Em geral, são frágeis, aparentemente felizes, inúteis do ponto de vista da produção; devem representar desejos negados e propícios a serem universais e, principalmente, devem representar o que foi superado economicamente, que não tem mais valor (lembrando que a própria atribuição do valor às pessoas já implica a sua conversão em mercadoria). Esses alvos são pertinentes a um estágio de desenvolvimento da humanidade, em que essa ainda não vingou, posto que devem representar o que é negado a todos e por isso mesmo não pode ser permitido a ninguém.

Claro que a ideologia e o preconceito que fomenta não são somente dirigidos a alvos considerados frágeis. Em uma sociedade hierárquica e competitiva como a nossa, na qual o indivíduo se desenvolve como inimigo de todos os outros, pois, real ou imaginariamente, tenta cuidar de sua sobrevivência, a divisão dos homens em classes não é inócua, mesmo porque ela é a base dessa hierarquia. Os que estão abaixo estigmatizam os que estão acima e vice-versa, mas também há ódio intraclasses; o preconceito não é redutível às classes sociais, ainda que seja mediado pelos seus conflitos. O ressentimento, de um lado, e a sensação de incompreensão, de outro, mobilizam os afetos.



Se o tipo manipulador, citado anteriormente, é um dos emblemas de nossa sociedade, certamente, o fetiche da técnica e a coisificação não podem ser desconsiderados como elementos da ideologia contemporânea. A classificação e ordenação dos homens tal como ocorre com as mercadorias e o sucesso do emprego da lógica científica e técnica na superação de obstáculos à sobrevivência da espécie são generalizados também para o controle dos homens.

O fetichismo da técnica representa o deslocamento do amor aos homens para o pensar e fazer técnicos e para os produtos dessa técnica. O que deveria ser a base para a superação da miséria e para uma vida livre e feliz torna-se fim em si mesmo. Sua base, tal como o fetichismo das mercadorias descrito por Marx<sup>140</sup>, é a aparência de imediaticidade do real que é tomado por verdadeiro. No fetichismo da mercadoria, o valor de troca das mercadorias é atribuído a essas e o valor de uso das mercadorias, aos homens; no fetichismo da técnica, essa passa a ser apreciada pelos homens em si mesma, independentemente do fim a que se destina, e é o homem quem lhe dá a utilidade. Ora, a objetividade provém das relações entre os homens, tendo em vista as suas necessidades e conflitos; assim são os homens em relações concretas que atribuem o valor à técnica, que tem a potencialidade de uso em si mesma. Mas o fetiche da técnica, assim como o das mercadorias, vai além da inversão entre valor de uso e valor de troca, caracteriza-o também a fixação da libido em um objeto que substitui o verdadeiro objeto de paixão. O hiper-realismo atual, que deforma ou anula a percepção do movimento do real, é fruto de uma formação para uma adaptação exagerada ao real, e está associado ao fetichismo.

A ideologia que se associa e promove a técnica para além de sua necessidade objetiva, que não deve ser negada, uma vez que os produtos da técnica são base importante para o

<sup>140</sup> Marx, K. (1984). O Capital: Crítica da Economia Política, I, v. 1. São Paulo, Difel.

enfrentamento do sofrimento humano, serve à perpetuação da sociedade existente e aos desejos regredidos, ligados a uma onipotência infantil de domínio do mundo. Assim, subjacente à neutralidade técnica se encontram as contradições sociais e a realização perversa, como dizem os psicanalistas, de desejos infantis. Uma das relações dessa ideologia com o preconceito é a de que os homens podem classificar os outros homens e manipulá-los, uma vez que podem ser pensados como parte de sistemas para os quais cabe designar o seu lugar e 'consertá-los', quando for o caso. Essa designação e 'conserto' são possíveis justamente porque o objeto é percebido como dotado de características próprias e independentes da história social e do indivíduo. Considerados como outros seres quaisquer e da ordem dos objetos, os homens podem ser classificados por uma zootecnia.

Além dessa forma da ideologia contemporânea, a apologia à força e à saúde e o desprestígio, ou no mínimo ambigüidade frente o desenvolvimento teórico e intelectual, também fortalecem a regressão individual, promovendo o preconceito em relação aos que pensam. O prazer corporal e imediato, o viver aqui e agora, substituem o desenvolvimento de um projeto de vida, que não pode prescindir do tempo. Certamente, o preconceito surge também no sentido inverso: a dos falsos intelectuais em relação aos que não puderam se desenvolver espiritualmente. São falsos intelectuais, pois no lugar do espírito se desenvolver de forma distinta do trabalho manual, que a automação vem reduzindo gradativamente, toma-o como modelo: "*Quanto mais a evolução da técnica torna supérfluo o trabalho físico, tanto mais fervorosamente este é transformado no modelo do trabalho espiritual, que é preciso impedir, no entanto, de tirar as conseqüências disso.*"<sup>141</sup> Além disso, deve-se frisar que o preconceito contra aqueles que não conseguiram, por diversos motivos, desenvolver a sua inteligência, considera essa uma força e não a possibilidade de ser uma substituta dessa.

<sup>141</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). Dialética do esclarecimento. (ob.cit.),188.

Neste sentido, a ideologia sem idéias, que afirma o existente, impele o olhar para considerar eterno o que é histórico, e por meio disso converter os alvos do preconceito em natureza.

### Configurações de indivíduos predispostos ao preconceito

No trabalho acerca da personalidade autoritária, Adorno, a partir das entrevistas com sujeitos que obtiveram escores altos nas escalas que mensuravam o preconceito, configura a síndrome autoritária, da qual descreve seis tipos: o ressentido superficial, o convencional, o autoritário, o delinqüente, o psicopata e o manipulador. Não cabe aqui descrever esses tipos, mas ressaltar que diversas configurações podem caracterizar indivíduos predispostos ao preconceito da menos à mais propensa à violência. No caso do ressentido manifesto, o autor diz que é suscetível a argumentos; no caso do manipulador, passando pelo autoritário, isso é mais difícil.

Ao final do texto “Educação após Auschwitz”, Adorno<sup>142</sup> cita Benjamin para se referir a dois tipos de indivíduos associados ao fascismo: os assassinos de gabinete e os que atuam violentamente sem saber o porquê, contrariando os seus próprios interesses. Quanto a esses últimos, o autor defende que é possível se fazer algo; quanto aos primeiros, não. O assassino de gabinete parece corresponder ao manipulador e ser dotado da frieza própria dos que não conseguem se identificar com ninguém; se assim é, dificilmente conseguem modificar o que fazem, posto que detêm características, tais como as propícias ao planejamento, à organização, que resultam numa prática valorizada socialmente e expressam a racionalidade formal que é a expressão mais direta desta sociedade. Os outros – os assassinos de rua – encontram, nos alvos de preconceito, objetos sobre os quais podem descarregar a sua fúria. Não simplesmente como

<sup>142</sup> Adorno, T.W. (1995). Educação após Auschwitz.(ob.cit.), 123.

um bode expiatório, porque sequer chegam a se configurar para eles como alvos específicos, mas porque são indivíduos que, supostamente, não conseguem se defender. Trata-se de uma violência aparentemente pura e imediata, mas claramente mediada socialmente. Se a sociedade não possibilita aos seus membros voltarem os seus interesses para a sua constituição, tornando-os prescindíveis - o que ocorre devido à autonomização da sociedade em relação aos homens -, eles precisam dirigir esses interesses para os que possam representar alguém que se encontra em situação pior do que a deles. Se a proximidade entre os homens não é possível, desenvolve-se a crueldade presente na destruição: “*Em vez de se aliar à ternura, o prazer se alia à crueldade...*”<sup>143</sup>

Conforme descrevemos antes, a fragilidade do eu e a tendência a ser heterodirigido fazem parte do indivíduo contemporâneo; e um indivíduo assim é facilmente predisposto a desenvolver preconceitos, pois não tem quer uma delimitação adequada do eu, para distinguir entre os seus interesses e os alheios e poder refletir sobre o que acontece com ele e com os outros, quer valores, princípios, que lhe permitam dar outro destino à sua necessidade de destruição, também fomentada socialmente. Segundo Adorno<sup>144</sup>, essa fragilidade do eu não é devida à gratificação constante de suas pulsões, mas do medo proveniente da ameaça de ser deixado de lado e, assim, ser destruído. Desiste-se do conflito antes de enfrentá-lo. Segundo Horkheimer e Adorno<sup>145</sup>, se antes o complexo de Édipo podia ser enfrentado, hoje a ‘castração’ ocorre para evitar o próprio conflito. O sujeito não se sente forte para enfrentá-lo e nem tem vontade para isso. Ao invés disso, busca alternativas laterais para realizar os seus desejos. Assim é que a identificação com os líderes não ocorre, como

<sup>143</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). Dialética do esclarecimento. (ob.cit. ), 107.

<sup>144</sup> Adorno, T.W. (1991). De la relación entre sociología y psicología. In: Adorno, Theodor W. Actualidad de la filosofía. Tradução de José Luís Arantegui Tamayo. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica S.A., 135-204.

<sup>145</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985). Dialética do esclarecimento. (ob.cit. ),179.

visto antes, pela admiração desses, mas pela possibilidade de esses conseguirem o que desejam. Não se identificam com alguém distinto deles, mas similar, apenas aparentando ter mais força para lutar pelo que almejam.

Mesmo os líderes dessas massas, representados por aqueles líderes de comícios que conseguiam objetivar a sua psicologia e com isso obter a identificação desejada por meio de suas técnicas, como a de dividir os homens entre ovelhas brancas e ovelhas negras, a de se julgarem sós, perseguidos<sup>146</sup>, não constituem o assassino de gabinete, pois aqueles ainda conseguiam mobilizar emoções que eram destinadas às suas vítimas. São frios pela negação de identificação com suas vítimas e por não se importarem com o seu sofrimento, mas a descarga da emoção é direta. Já os assassinos de gabinete têm, na frieza, a sua principal característica. É certo que Adorno, mais de uma vez, caracteriza a frieza, na sociedade existente, como uma característica universal, por meio da qual tendemos a nos preocupar unicamente com os mais próximos, deixando de nos importar com o que acontece com os demais; mas parece que o aumento dessa frieza resulta no manipulador. Uma outra forma de se dizer isso é a de se perguntar se a atual insistência da formação em preparar os homens para que se desenvolvam tecnicamente, para que sejam eficientes em suas ocupações, sem os incentivar a refletir no que fazem, não estaria transformando os assassinos de rua em assassinos de gabinete.

Um dos indícios para se pensar essa questão é dada no início do texto "Educação após Auschwitz". O autor afirma, conforme assinalamos anteriormente, que não há nenhum princípio mais importante para a educação do que se evitar Auschwitz e que se isso não foi o suficientemente apreendido, devemos esperar novos genocídios. Ora a educação não tem tornado o combate à violência um de seus objetivos principais. O desenvolvimento das competências cognitivas, lingüísticas e

<sup>146</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978). Preconceito. (ob.cit.), 175.

mesmo morais não toca na possibilidade de os indivíduos expressarem e entenderem o seu medo, para que esse não se converta em violência. Claro, a discussão sobre as minorias que se fortaleceu, sobretudo, a partir da década de 1960 também está presente na escola, mas, em geral, como um conteúdo que dispensa reflexões de cunho político e social; o respeito às minorias, às diferenças, é posto como um dever, como algo externo que, se é importante, talvez não permita a identificação. No mínimo, temos de pensar a contradição entre o ideal de convívio pacífico e as tendências sociais fortalecidas pelo capitalismo que só se interessa pelas minorias se puder obter algum tipo de lucro com isso.

Outro indício para se pensar o aprimoramento da frieza existente é o fato de que a mesma racionalidade necessária para manter as relações sociais 'civilizadas' aparece na organização do crime. O crime organizado é o crime esclarecido quanto às formas mais eficientes de gerir as suas atividades. Se é assim, devemos supor que o aumento dessa racionalidade promove também o incremento da violência apresentada da forma mais racional. Assim como no preconceito moderno, a ação criminosa racional, tal como a não criminosa, não envolve motivos pessoais claramente delimitados.

Atualmente se discute o preconceito sutil que, diferentemente do preconceito flagrante, não se expressa diretamente. Adorno et al.<sup>147</sup>, em sua pesquisa, já se deparavam com essa questão. Como o clima cultural geral americano, na época, era contrário ao fascismo, os sujeitos poderiam não revelar diretamente os seus preconceitos. As escalas de anti-semitismo e etnocentrismo tinham como objetivo avaliar diretamente o preconceito, e os autores julgaram que por isso talvez elas pudessem estar subestimando essa variável. Construíram a escala do fascismo, que avaliava tendências implícitas de personalidade

<sup>147</sup> Adorno, T.W.; Frenkel-Brunswick, E.; Levinson, D.J e Sanford, R.N. (1965). La Personalidad Autoritaria (ob.cit.).

de adesão ao fascismo. Como as correlações entre ambos os tipos de escalas foram elevadas, evidenciou-se a existência das duas formas de manifestação do preconceito – direta e indireta – o que parece se relacionar também com a distinção que estamos discutindo entre o assassino de rua e o de gabinete.

### Algumas sugestões para o combate ao preconceito

Em seu texto “Educação após Auschwitz”, Adorno faz algumas sugestões para prevenir novos genocídios, como os ocorridos na primeira metade do século passado. Entre elas, encontra-se a atenção necessária para a primeira infância, quando a estrutura da personalidade está se formando. Seria importante, segundo o autor, que os medos pudessem ser expressados para evitar que, se reprimidos, retornassem sob a forma de violência. A criação de um clima cultural geral contra a violência também seria importante para externar que os homens são contrários a esses comportamentos.

Horkheimer e Adorno<sup>148</sup> também apostaram no esclarecimento da população do que leva uma pessoa a se tornar autoritária. Sabem dos limites dessa proposta, pois só atinge a consciência, mas insistem que algum esclarecimento é melhor do que nenhum; ele pode atuar no nível do pré-consciente e evitar a violência. Neste sentido, propõem que os resultados de pesquisas, tal como a da personalidade autoritária, possam ser divulgados e discutidos, o que auxiliaria os homens a tomar consciência de si mesmos, o que já acarretaria alguma modificação. Por outro lado, os autores não deixam de pensar os limites da psicanálise no auxílio ao combate ao fascismo. Se dão valor às explicações psicológicas (mais propriamente psicanalíticas) da constituição do indivíduo, não deixam de indicar que os indivíduos autoritários não apresentam sinais de inadaptação como os neuróticos, por exemplo,

e, em geral, como são contrários ao que seja compreendido como subjetivo, resistiriam a fazer um tratamento psicoterapêutico. Defendem que em qualquer discussão sobre o tema, os psicólogos deveriam ter lugar, mas que sua ação prática seria um tanto limitada para enfrentar esse problema:

(...) es obvio que los médios psicológicos no bastan para modificar la estructura de la personalidad del fascista en potencia. Es ésta una tarea comparable a la de eliminar la neurosis, la delincuencia o el nacionalismo del mundo, pues todos estos males son producto de la organización total de nuestra sociedad y, por consiguiente, sólo pueden cambiar con la sociedad misma. No corresponde al psicólogo indicar cuál es el camino que debe seguirse para llegar a las reformas necesarias. La solución de este problema requiere el esfuerzo conjunto de todos los especialistas en ciencias sociales. Nos concretaremos a afirmar que en todo organismo o mesa redonda que estudie el problema y trace planes para su solución, debe darse cabida al psicólogo.<sup>149</sup>

A questão é desesperadora se retomarmos as primeiras páginas de “Educação após Auschwitz”, nas quais, Adorno, ao se referir a Freud, concorda com esse quanto ao fato de a civilização gerar internamente um movimento anticivilizatório. De todo modo, se o fenômeno é, como vimos, de origem objetiva e se, nos dias que correm, é difícil aos homens alterarem as condições objetivas, parece que resta, tal como sugere esse autor, sobretudo à educação fortalecer os sujeitos no seu combate.

<sup>148</sup> Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1978). Preconceito. (ob.cit.).

<sup>149</sup> Adorno, T.W.; Frenkel-Brunswik, E.; Levinson, D.J e Sanford, R.N. (1965). La Personalidad Autoritaria (ob.cit.), 907.